

Folha de Pernambuco – 22/10/2012

Energia, entre falhas e potenciais

Sistema elétrico "robusto" do País não consegue evitar quedas

FOLHAPe.com.br
TUDO O QUE ACONTECE.

Seu link
Clique e

ELEIÇÕES POLÍTICA ECONOMIA ESPORTES COTIDIANO CULTURA TECNOLOGIA GE

Energia, entre falhas e potenciais

Sistema elétrico "robusto" do País não consegue evitar quedas

22/10/2012 00:11 - JULIANA SAMPAIO



"Se compararmos o setor elétrico dos outros países, em disparado o do Brasil é melhor", garante o presidente do Instituto Acende Brasil, Cláudio Sales. A frase pode parecer contrária à realidade vivenciada pelo setor nos últimos dias, que contabiliza dois apagões por problemas na rede de transmissão, mas é baseada no contexto de que a transmissão de energia no País é praticamente universalizada e o potencial de geração é grandioso, visto que detém a produção de energia de várias fontes a partir de hidrelétricas, parques eólicos e até mesmo através de reservas de carvão, por exemplo.

Sales explica que, para entender as últimas falhas ocorridas no fornecimento, é preciso mapear o passo a passo do funcionamento do sistema elétrico no Brasil, cuja cadeia de produção se baseia em três elos: geração, transmissão e distribuição de energia. "A falha na transmissão, que em Pernambuco é realizada pela Chesf (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco), é que faz com que a energia não chegue às distribuidoras, no caso, a Celpe. E, conseqüentemente, haja o corte momentâneo", explica.

Apesar do apagão que atingiu seis Estados do Nordeste, em setembro último, não ter sido originado na rede da Chesf, Pernambuco sentiu o efeito porque as linhas de transmissão são interligadas. "O sistema automaticamente corta, por alguns minutos, várias cargas para equilibrar a perda do bloco de energia na interligação até se recompor. Os dois desligamentos foram recompostos em 20 minutos", esclarece o presidente da Chesf, João Bosco Almeida.

O gestor diz que o custo para implantação de uma linha de transmissão gira em torno de R\$ 1 bilhão. "Nosso sistema é muito longo e robusto, vai do Rio Grande do Sul até à Amazônia. Comparando, temos a dimensão da Europa toda", compara. Atualmente, o País tem capacidade instalada de geração de energia de 162 mil Megawatt Médios (MW médio). A demanda atual de consumo é de 120 MW médios. A tendência é de que esse número dobre até o ano de 2030. "O Brasil tem uma malha de transmissão muito custosa, mas, em compensação, cobre o País quase todo. Então, nesse sentido, estamos em uma posição privilegiada em comparação aos outros", afirma Cláudio Sales.

"Se compararmos o setor elétrico dos outros países, em disparado o do Brasil é melhor", garante o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales. A frase pode parecer contrária à realidade vivenciada pelo setor nos últimos dias, que contabiliza dois apagões por problemas na rede de transmissão, mas é baseada no contexto de que a transmissão de energia no País é praticamente universalizada e o potencial de geração é grandioso, visto que detém a produção de energia de várias

fontes a partir de hidrelétricas, parques eólicos e até mesmo através de reservas de carvão, por exemplo.

Sales explica que, para entender as últimas falhas ocorridas no fornecimento, é preciso mapear o passo a passo do funcionamento do sistema elétrico no Brasil, cuja cadeia de produção se baseia em três elos: geração, transmissão e distribuição de energia. "A falha na transmissão, que em Pernambuco é realizada pela Chesf (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco), é que faz com que a energia não chegue às distribuidoras, no caso, a Celpe. E, conseqüentemente, haja o corte momentâneo", explica.

Apesar do apagão que atingiu seis Estados do Nordeste, em setembro último, não ter sido originado na rede da Chesf, Pernambuco sentiu o efeito porque as linhas de transmissão são interligadas. "O sistema automaticamente corta, por alguns minutos, várias cargas para equilibrar a perda do bloco de energia na interligação até se recompor. Os dois desligamentos foram recompostos em 20 minutos", esclarece o presidente da Chesf, João Bosco Almeida.

O gestor diz que o custo para implantação de uma linha de transmissão gira em torno de R\$ 1 bilhão. "Nosso sistema é muito longo e robusto, vai do Rio Grande do Sul até à Amazônia. Comparando, temos a dimensão da Europa toda", compara. Atualmente, o País tem capacidade instalada de geração de energia de 162 mil Megawatt Médios (MW médio). A demanda atual de consumo é de 120 MW médios. A tendência é de que esse número dobre até o ano de 2030. "O Brasil tem uma malha de transmissão muito custosa, mas, em compensação, cobre o País quase todo. Então, nesse sentido, estamos em uma posição privilegiada em comparação aos outros", afirma **Claudio Sales**.

Altos tributos são maiores problemas

Um dos maiores problemas do setor elétrico do País está relacionado à carga tributária que incide nas tarifas. O presidente do **Instituto Acende Brasil**, **Claudio Sales**, explica que o valor de cobrança é dividido da seguinte maneira: 24% são destinados à concessionária, 6% à rede de transmissão, 25% à rede de geração e 45% são de tributos e encargos. "No México, por exemplo, o encargo incidente nas contas é de 13%", compara. Visando "enxugar" esse cenário, o Governo anunciou o corte e a redução de algumas dessas taxas e antecipou a renovação das concessões de exploração de transmissão, a partir de 2013. "A MP (Medida Provisória) não fixou ainda os preços das tarifas, mas sabemos que, pelo valor do desconto anunciado para o consumidor final, nosso preço será reduzido na ordem de 70%. Esse percentual alto é necessário senão não chegamos ao desconto que vai de 16% até 28%", explica o presidente da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), João Bosco Almeida. Por conta disso, a estatal vai precisar reduzir os gastos para se enquadrar nessa nova realidade. Entretanto, Almeida está animado. "Se acontecesse os leilões, iríamos correr o risco de não vencer a disputa. Então, a Chesf seria fechada. Levando em consideração os males, a revisão dos custos é o menor, principalmente porque podemos nos ajustar sem grandes sacrifícios", pondera. A renovação da concessão será por mais 30 anos. Dos cortes, a redução do quadro trabalhista é a mais impactante, na avaliação do presidente. "Faremos isso como um Programa de Desligamento Voluntário (PDV). Já realizamos isso três outras vezes e, nessas oportunidades, 500 pessoas se desligaram. Não haverá

prejuízo pois, prioritariamente será o pessoal que reúne as condições de aposentadoria", afirma, concluindo que o esforço é continuar fazendo tudo o que já se fazia, "mas com menos gente".